

## Sobre Ana e outras coisas

Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>

*Filhos... Filhos?  
Melhor não tê-los!  
Mas se não os temos  
Como sabê-lo?*  
Vinicius de Moraes

Dona Sebastiana sentiu sua vida toda escoando do corpo em uma gota de suor que descendo da testa foi repousar na ponta do nariz daí precipitando-se à terra para nunca mais lhe retornar. A mãe estava perdida como aquela gota. Ficou pálida intransitiva transida de uma dor mortal. Ela era toda dor. Sentiu-se de repente fraca que esmorecia dos pés à cabeça e teve medo de cair de ser ridícula mas de pé como estava era como conseguia ficar. Foi então que sentiu uma grande necessidade de gritar mas a garganta não lhe acudia apenas um fiapo de pensamento. Lhe acenava na cabeça e também foi bem devagar desfalecendo. Caiu então sobre os joelhos quedando-se imóvel enquanto fitava os prédios uns aqui outros lá que se desenhavam à vista pela janela de vidro do consultório do doutor Romão que atende no terceiro andar do Moreira Shopping. Primeiras lágrimas se atreveu depois outras se avolumaram em irrigar os grandes olhos castanhos que agora procuravam se fixar no médico que estava sentado do outro lado da mesa plácido como somente quem possui a verdade pode ficar. Um grito acompanhado de um não e outro não não não não pode ser meu Deus isso não pode estar acontecendo. Romão apenas fortalecia ainda mais sua convicção. Dona Sebastiana tinha cerca de quarenta anos e destes vinte e cinco casada com Paulo com quem tinha cinco filhos dois homens e três mulheres sendo a mais nova Ana que desde os primeiros suspiros neste mundo se tornou a menina dos olhos do pai. A caçula do papai como ele costumava chamá-la. Ana aprendeu logo cedo que com o pai tudo se arranja tudo se ajeita que para o pai alguma coisa lhe negar seria o equivalente a uma estaca no peito. Se questionado Paulo apenas dizia se minha caçula quer. Dona Sebastiana acudia é que Paulo não teve mãe daí tenta

---

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Ensino de Língua e Literatura, pela UFT, câmpus de Araguaína, onde também trabalha como técnico administrativo, e professor de Língua Portuguesa no ITPAC, câmpus de Araguaína. E-mail: [fneto@uft.edu.br](mailto:fneto@uft.edu.br).

compensar com a Aninha Os demais filhos aprenderam a disfarçar o ciúme e por lealdade aos pais faziam sobre o assunto silêncio

Ana é um pássaro que voa  
Uma flor do deserto  
Uma lagoa em noite escura

Quando Ana tinha treze anos sua mãe decidiu que precisa vencer seus fortes sentimentos de culpa e tomar medidas mais enérgicas se havia de preservar a própria família Já havia algum tempo vinha sofrendo de dores no estômago com palpitações no coração e fadiga no pensamento Era sempre tomada de sustos e sobressaltos se Ana estivesse em casa ou mesmo viajando Ana gostava de viajar pois dizia que Araguaína era menos que provinciana e que ainda lhe fazia gosto o carnaval do Rio e as noites paulistanas mas tinha certeza que seu lugar era mesmo a Europa ou no mínimo a América Dona Sebastiana estava bastante agitada com dores no estômago e o coração em galope e a única coisa que lhe ocupava o pensamento naquele momento era sobre o que diria o psiquiatra quando Ana saísse do consultório Aqueles cerca de quarenta minutos já eram mais que a eternidade e pobre mãe andava de um lado para o outro e vez por outra era amparada por Carlos o filho mais velho com uma água um café ou mesmo algumas bolachas disponíveis ali na recepção Dois dias antes daquela consulta Ana havia chegado de Recife de uma viagem de férias à casa de uma querida tia A viagem era um presente do pai que lhe havia prometido recompensá-la se fosse bem na escola naquele ano e para isso Paulo economizou por meses pois não queria que sua caçula de nada reclamasse durante o passeio Por lá estive dez dias Bem que Dona Sebastiana tinha achado muito estranho aquele tanto de roupas novas que lhe pareciam finas e aquele novo anel que imaginava fosse caro Com que dinheiro teria comprado dado o valor que Paulo lhe tinha depositado para as despesas da viagem Dava de costas à presença de pensamentos desagradáveis e para o seu próprio bem estar e do restante da família procurava se convencer que nada absurdo teria acontecido dessa vez É verdade que há um bom tempo percebia um misto de desconfiança e medo no olhos dos outros filhos quando estavam em presença de Ana ou mesmo quando ela lhes perguntava qualquer coisa sobre a irmã Baixavam os olhos desconversavam ou mostravam alguma coisa lá no pasto ou se davam conta de que tinham uma lição de casa ou outra coisa urgente para fazer Daquela vez porém Ana tinha ido longe demais Na manhã seguinte à chegada de Ana Dona Sebastiana chamou seu filho Carlos

pegaram o carro da família e deixaram a chácara para as compras de supermercado para todo o mês. Carlos sempre a levava. Com a lista em mãos comprava tudo segundo a quantidade certa. Naquele dia, contudo, a dona de casa se submeteu ao que ela considerou a maior humilhação de sua vida: ter de devolver todas as compras por falta de limite no cartão de crédito. Consultou a todos os filhos e também à operadora e então confrontou Ana, que apenas lhe disse que precisava que queria e depois quem mandou se pobre. Culpa de ter nascido naquela família pobre não tinha, porquanto não reclamasse. A mãe viu-se um carrossel, sentiu tonturas e deu enorme vontade de chorar. Teve medo, porém, dos desejos que lhe brotavam de todo o corpo em relação à filha e não podia mensurar os resultados se a ela avançasse com toda aquela energia. Conteve-se a um preço muito alto, com dentes e punhos serrados sangrando por todos os poros. No rosto eriçaram labaredas e faíscas eram lançadas dos olhos. Trancou-se no quarto e se dissolveu em silenciosa lágrima. Depois, com sua última economia, agendou um psiquiatra. Ana, em tudo isso, não via nenhuma gravidade, como também seu pai, que depois lhe ouvir e consolar, decidiu que venderia uns bezerros e que o assunto fosse encerrado. A mãe racionalizava: se não lhe abria os olhos com os fatos, então apelaria para a opinião do médico. Naquele noite, por causa de Ana, mais uma vez dormiram separados. Por fim, Ana saiu do consultório e permaneceram na sala de espera apenas ela e Carlos. Era por volta de onze da manhã e fazia muito sol lá fora e cá no corredor alguns raios entravam pela janela de vidro que estava aberta. Ana sorria com todo seu rosto branco de pele macia e cheirosa de uma manhã de primavera e sua boca de dentes brancos e lábios rubros e fartos eram os sonhos da madrugada. Seus olhos eram rubis e uma navalha e com eles deitou um olhar cortante em Carlos, que então baixou a cabeça, apanhou uma revista e começou a folheá-la. Era o filho mais velho e com vinte e três era um moreno robusto e rapaz formado. Quando Ana tinha dez tentou freá-la. Ouvia histórias na escola, na vizinhança, de professores e colegas. A todos Ana punha no chinelo e mantinham-nos calados. Naquele noite, no quintal da chácara, havia muitas nuvens e poucas estrelas; a lua quase não brilhava e um vento frio soprava ao ponto de provocar arrepios. A lâmpada da varanda mantinha o ambiente iluminado. Os outros assistiam televisão e o pai e a mãe comiam alguma coisa na cozinha. Carlos agarrou-a pelo braço, puxando-a para fora. Disse baixinho: seu professor de matemática me falou de suas chantagens. Ana, sem nenhuma agitação, replicou: e você quer que eu conte a todas as meninas sobre seu segredinho íntimo? Foi o bastante para daquele dia, em frente aos olhos do rapaz, se furtarem aos da irmã caçula. Nenhum paciente havia mais à espera e os demais médicos que

ocupavam os outros consultórios já tinham deixado o andar A corrente de ar condicionado ganhava cada vez mais espessura e densidade e a moça da recepção já colocava um casaco ouvindo no computador em volume meio baixo REM *everybody hurts* Atrás de Ana a mãe apressada fechou a porta lançando sobre Romão um olhar interrogativo e então doutor Sente-se Dona Sebastina Não doutor estou bem mesmo em pé obrigada mas e então Romão então declinou da insistência sentando-se em sua confortável cadeira giratória Fitou de modo condescendente a mãe aflita explicando-lhe com palavras bem pensadas e escolhidas a sua filha vai bem Dona Sebastiana mas acredito que a senhora precise de um tratamento

Ana Ana três vezes Ana  
Melhor não tê-la!  
Melhor não sabê-la